

Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

GEOGRAFIA HUMANÍSTICA - O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ESPACIAIS EM MANIFESTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

HUMANIST GEOGRAPHY – THE ROLE OF SOCIAL AND SPATIAL REPRESENTATIONS IN CONTEMPORARY MANIFESTATIONS

(Recebido em 29.11.12; Aceito em: 25.06.13)

Marta Bertin

Doutoranda em Ensino de Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Brasil e-mail: marta_bertin@hotmail.com

www.ser.ufpr.br/geografar

ISSN: 1981-089X

RESUMO

Este artigo tem como finalidade contextualizar o progresso da Geografia Humanística, perfazendo os caminhos percorridos pelos conceitos de percepção, cognição, geração de novas ambiências, até o refinamento da vertente das representações sociais, como também caracterizar a abordagem fenomenológica enquanto método de pesquisa qualitativa à ciência geográfica. Neste sentido, consideramos importante propor uma apreciação de duas obras voltadas às representações sociais – a primeira desmistificando o Espaço e Representação -, e a segunda – os Estudos Culturais -, demonstrando a pluralidade de pesquisas envolvendo a experiência do mundo vivido das coletividades. Este artigo é resultado de reflexões concernentes à pesquisa de doutorado, ainda em andamento.

Palavras Chaves: Geografia Humanística, representação social, espaço e lugar, geração de ambiências.

ABSTRACT

This article aims to contextualize the progress of Humanist Geography, going through the same ways traversed by the concepts of perception, cognition, generation of new ambiences, up to the sophistication of the path of social

representations, as well as characterize the phenomenological approach as a method of qualitative research for the geography science. Thus, it is considered important to propose the appreciation of two works about social representations – the first one is to demystify the Space and the Representation and the second one, the Cultural Studies, to show the plurality of researches which involve the experience of a world of collectivities. This paper is the result of reflection concerned to the doctorate research, still ongoing.

Keywords: Humanist Geography, social representation, space and local, generation of ambiences.

1 INTRODUÇÃO

O tema em estudo surgiu das indagações referentes à importância do aporte teórico da Geografia humanística nos estudos das representações sociais e espaciais na atualidade, e, como método, a fenomenologia, uma vez que esta valoriza a consciência de cada sujeito, ou seja, a realidade humana.

Assim, o desenvolvimento deste artigo está sistematizado, apresentando no primeiro item a contribuição de Husserl e a Fenomenologia, sua evolução histórica e seu papel articulador na atualidade para a Geografia. No segundo, o foco relacionase à análise da Percepção à Cognição em que são apresentados e discutidos seus conceitos na ciência geográfica.

No terceiro item, estudam-se as interpretações relacionadas aos conceitos de Espaço, Lugar e a Geração de Novas Ambiências, na tentativa de estabelecer uma influência na construção de um espaço/ambiente mais humanizado, visando uma maior compreensão ao conceito de Geração de Ambiências. Por fim, o objetivo centra-se na compreensão do refinamento teórico a partir da vertente das representações sociais e espaciais na Geografia, vertente esta que vem proporcionando um requinte à ciência geográfica, agregando e enriquecendo o enfoque ambiental e sociocultural.

Considerando estas premissas, faz-se a análise dos caminhos percorridos pela percepção, cognição até a vertente da representação social. Destaca-se a contribuição de autores para que esta se tornasse possível, além de se enfocar interpretações e noções das categorias de espaço, lugar e, mais recentemente, a geração de novas ambiências, com vistas à aplicabilidade dessa compreensão aos



fazeres geográficos, tais como práticas de pesquisa e de ensino. Trata-se de uma das intenções de contribuição do presente artigo.

2 A CONTRIBUIÇÃO DE HUSSERL E A FENOMENOLOGIA

Embora possuindo suas raízes em Imannuel Kant (1724-1804) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), a fenomenologia tem o seu significado contemporâneo atribuído à filosofia de Edmund Husserl (1859-1938). A ampliação desse movimento filosófico foi oportunizada por importantes contribuições de Martin Heidegger (com o suporte hermenêutico-fenomenológico) e Maurice Merleau-Ponty (com a fenomenologia da percepção).

A fenomenologia teve em Husserl um de seus mediadores ilustres, no que diz respeito à fenomenologia e suas derivações. De acordo com (HOLZER, 1994), por meio da apropriação do conceito de intencionalidade, - compreendida como o conhecimento humano do homem na estruturação de seu mundo - a chamada intencionalidade corpo/sujeito, e do diálogo entre o homem e meio, passa a ser denominada de intersubjetividade¹. Deste modo, ela é compreendida como um dos fundamentos da fenomenologia da Geografia Humanista, permitindo ampliar as formas de interpretações à ciência geográfica.

O ser ou a essência da consciência é o de ser sempre "consciência de alguma coisa", a que Husserl dá o nome de intencionalidade como algo puramente descritivo, uma peculiaridade íntima de algumas vivências (TRIVIÑOS, 2002).

O conhecimento humano só aparece como intencionalidade, o que implica não ser o conhecimento simplesmente dissociado do mundo real, como explica Eric Dardel (1952), é simplesmente o mundo dos espaços, lugares, paisagens, territórios e regiões.

Na compreensão sobre o princípio da intencionalidade, Abbagnano (2001, p. 7) pontua que "[...] a consciência é sempre 'consciência de alguma coisa', e sua

¹ A intersubjetividade está representada no reconhecimento explícito de que não existem diferenças substanciais entre o subjetivo e o objetivo, que ambas são expressões de uma mesma realidade (TRIVIÑOS, 2002, p. 43).



Bertin, M.

Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas

análise é análise de todos os modos possíveis como uma coisa pode ser um dado para consciência".

Conhecemos o homem a partir de seus atos e, por meio desses atos, o homem se relaciona com a realidade. Todos os atos humanos e todas as relações com a realidade estão aprofundados pelos conhecimentos. Esse conhecimento não é um elemento isolado ao lado de outros atos; é um conhecimento que participa de toda a conduta humana.

Nesse raciocínio, Depraz (2008, p. 34) considera que "[...] o fio condutor postulado por Husserl é que para compreender o mundo é preciso uma experiência, um vínculo com a realidade que nos cerca, a consciência do mundo é a condição de uma possível consciência de si mesmo".

A base filosófica da Geografia Humanista foi sintetizada e reelaborada por geógrafos que se apoiaram nas filosofias dos significados ou que delas se apropriaram, ou seja, extraíram-se postulados filosóficos de ideias provenientes da fenomenologia, do existencialismo, com pinceladas idealistas e da hermenêutica (interpretativa), que interessavam mais diretamente à Geografia.

Foi Edward Relph o primeiro geógrafo a proceder dessa forma, cujo interesse pela fenomenologia de Husserl assinala o intuito de buscar um suporte filosófico para uma possível aproximação Humanista com a ciência geográfica. Neste sentido, Relph (1979, p. 6) entende que

[...] a idéia de que os significados originais do mundo-vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; e apesar de vivermos nele, o mundo-vivido não seria absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentariam por si mesmos, mas deveriam ser descobertos.

Outra importante contribuição para os estudos da Geografia Humanística foi propiciada por Husserl, ou seja, ele assegurou rigorosamente que a ciência não somente se tornou deslocada de suas origens na vivência, mas está atualmente inserida no processo de reconstituição desta em termos de suas próprias imagens científicas idealizadas. Corroborando com estas ideias, Relph (1979, p. 3) aponta que



[...] identificou dois componentes maiores do mundo-vivido, embora a distinção seja largamente temática e na experiência eles estão interrelacionados. Primeiro, há um mundo pré-determinado ou natural das coisas, formas e de outras pessoas, das quais possuem modos variantes de aparência, no tempo e no espaço; este é o mundo que vemos e sentimos, mas no qual estamos apenas implicados, porque se constitui numa situação necessária que nos é dada [...]. Em contraste com esse mundo natural prédeterminado há o mundo-vivido social ou cultural, o qual compreende toda ação e interesse humano, trabalhos e sofrimentos.

Remetendo-se a Eric Dardel (1952) e a Relph (1979), esses autores afirmam que o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como focos de seus interesses.

Novamente Relph (1979, p. 7) esclarece

Há comumente estruturas ou padrões experienciados nessas relações, e é uma dessas estruturas que constitui o 'mundo vivido geográfico'. Isto é, em seu sentido mais simples, o mundo experienciado como cenário tanto o natural como o construído pelo homem, e como ambiente que provê sustento e uma moldura para a existência.

Os conteúdos deste mundo, para Johnston (1986, p. 211),

[...] são únicos para cada indivíduo, pois cada um de seus elementos é o resultado de um ato de intencionalidade – seu significado é atribuído pelo indivíduo, sem o qual ele não existe, mas com o qual ele influencia o comportamento.

A este respeito, a fenomenologia busca estudar as essências e, segundo ela, todos os problemas devem ser vistos como definição das essências, considerando a percepção e a consciência espacial. Segundo Merleau-Ponty (1971, p.1) e Triviños (2002, p.43), a fenomenologia se caracteriza por ser "[...] uma filosofia que repõe as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade", ou seja, a condição de existência em relação ao mundo.

Assim, este enfoque teórico-metodológico permite entender o relato do mundo vivido no espaço e no tempo, descrevendo-se, de forma direta, a experiência humana tal como ela é, pois Merleau-Ponty (1971) também aponta que não se deve realizar "[...] nenhuma referência à sua gênese psicológica e às explicações casuais".



Pode-se afirmar então que o método fenomenológico aplica-se a várias interfaces natureza x sociedade, buscando explicar como se opera a consciência das coisas. Neste contexto, Japiassu e Marcondes (1990, p.97) ressaltam que é o próprio Husserl que afirma "[...] toda consciência é consciência de alguma coisa". Desta forma, envolve o pesquisador no sentido de identificar como os indivíduos estruturam o ambiente de um modo inteiramente subjetivo e intersubjetivo.

Para Spink (1995), é evidenciada a importância da observação. Então, é necessário observar os indivíduos em seus próprios territórios e interagir com eles através de sua linguagem e em seus termos. Considera-se que é a partir do olhar do pesquisador que se constrói o seu objeto de pesquisa e, certamente, este está repleto de subjetividade e individualidade.

Já para Moura (1989, p. 23), o campo de trabalho na fenomenologia "[...] não é constituído pelas regiões objetivas, mas pela consciência [...] e por todos os seus eventos transcendentais". Na acepção de Chauí (2000, p. 237), "[...] a consciência é o sujeito do conhecimento, como estrutura e atividade universal e necessária do saber". É a consciência transcendental, ou ainda, a consciência individual.

Neste contexto, deve-se elucidar a reflexão das condições de possibilidade e as implicações do saber. Sujeito e objeto se identificam, e o sujeito é quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois de se apropriar dele intelectualmente (SPOSITO, 2004). Assim, o homem não pode ser considerado como objeto externo, mas como aquilo que nós mesmos somos. Esta identidade – na autoconsciência e no autodomínio como os graus supremos do desenvolvimento da subjetividade – é a base de toda pergunta do homem por si mesmo.

Corroborando a este respeito, Lencione (1999, p.150) afirma que

Acima de tudo, é preciso ressaltar que a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a 'intencionalidade da consciência' é considerada chave, porque a 'consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental', procurando romper 'a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador' e firmando-se 'uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer com seus modelos teóricos'.

Por sua vez, Rabuske (1999, p. 67) considera a abordagem transcendental como aquela "atinente às condições internas da possibilidade". Propõe mostrar que



Bertin, M. Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais

em manifestações contemporâneas

os atos especificamente humanos, culturais, somente são possíveis, porque, implicitamente, operam certos pressupostos pertencentes à subjetividade do sujeito.

A consciência é uma pura atividade, o ato de constituir essências ou significações, dando sentido ao mundo das coisas. Estas — ou o mundo como significado -, são os correlatos da consciência, aquilo que é visado por ela e dela recebe sentido. Considerando este pressuposto, a fenomenologia é uma ciência da subjetividade pura, porque não existe um objetivo independente da existência humana, ou seja, do sujeito.

Resgatando essa visão, Buttimer (1985, p. 169) esclarece que a análise e a interpretação da consciência sempre foram uma preocupação central da "fenomenologia pura", de forma especial a "cognição consciente da experiência direta". Ao se estabelecer uma atitude fenomenológica, a autora acima citada lembra que esta é um retorno à evidência e à produção dos próprios fatos, bem como, uma investigação dos atos da própria consciência.

Nessa linha de raciocínio, Silva (1986, p. 54-55) propõe que a fenomenologia pode ser entendida como um aspecto da teoria do sujeito, pois ela busca "[...] apreender a forma aparente e real, o conteúdo aparente e real, ao nível das idéias, dos sentimentos, das representações, do comportamento e, principalmente, da vivência". O ser humano, principalmente o geógrafo que trabalha com a dinâmica espacial deve conhecer e apreender seu espaço, seu lugar, seu território, suas paisagens, e este conhecimento do mundo vivido tem que ser considerado ao interpretar as particularidades e/ou especificidades espaciais.

Além dos pressupostos filosóficos de Husserl, é pertinente centrarmos atenção às discussões sobre a definição de fenomenologia conforme a visão de Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty.

Para Heidegger (1984, p. 295-302), a fenomenologia

[...] é definida como sendo a ciência básica da filosofia, tendo como área temática as vivências conscientes do homem que conhece, age e valora. Seu âmbito de pesquisa seria o da estrutura desses atos vivenciados, e dos objetos vivenciados nos atos sob a ótica de sua objetividade.



Quanto à fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, destacam-se, neste sentido, os comentários realizados por Fróis (2001, p.136), quando a autora enfatiza que

Esta fenomenologia da percepção procura trazer os fenômenos para o mundo, destituindo-lhes o sentido transcendental e colocando, par a par, sujeito e objeto. A construção de um pelo outro é recíproca; não existe a primazia do primeiro, o que permite a sempre nova leitura da obra, posto que esta se oferece à interpretação tanto quanto o sujeito se oferece ao ato interpretativo. Neste sentido, cada interpretação resulta em acréscimo à cultura, a partir do momento em que é retomada e uma nova interpretação se abre.

Novamente é exposto que sujeito e objeto devem caminhar juntos, um complementando o outro, de forma recíproca.

Por sua vez, Merleau-Ponty (1971) distingue do espaço geométrico, o espaço antropológico, considerando o mesmo como espaço existencial, lugar de uma experiência de relação com o mundo, de um ser essencialmente situado em relação com o meio e não dissociado deste meio. Ressalta-se que, na análise fenomenológica, a categoria lugar assume papel preponderante, pois constitui-se no elo de ligação entre o homem e a natureza.

Assim, concebe-se a intencionalidade como uma nova relação entre sujeito e objeto, que vem romper com a ideia do sujeito isolado do mundo. Este sujeito/ser encontra-se envolvido no mundo e concede-se à subjetividade o papel de doador de sentido ao mundo e à presença do homem no seu meio.

Na acepção desta abordagem, sentimentos que se fazem presentes à consciência daquilo que está no espaço e no lugar habitado, que é percebido, sentido, pensado, recordado, simbolizado, amado, desejado, entre outros, fazem parte da análise fenomenológica. Com efeito, a fenomenologia insere-se como campo fértil às pesquisas sobre o homem, sua consciência e suas relações com o espaço e o lugar. A seguir, busca-se discutir com mais detalhes como se configura a percepção e a cognição na ciência geográfica.



3 DA PERCEPÇÃO À COGNIÇÃO

Diversos enfoques impulsionaram os estudos geográficos através da interface natureza x sociedade, considerando as interações entre o homem e o ambiente. A partir da segunda metade do século XX, tem-se uma retomada dos mesmos, e um desses enfoques refere-se aos estudos da percepção do ambiente e como isso afeta a vida da sociedade.

Em decorrência disso, recorre-se à corrente Humanista em Geografia, pois conforme Tuan (1985, p.143), ela "[...] busca interpretar o mundo humano a partir do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e lugar".

Nesta perspectiva, valoriza-se a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as distintas maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo que se expressa por meio das atitudes e valores para com o ambiente.

É o contexto que a pessoa valoriza, organiza o seu espaço, seu mundo vivido e nele se relaciona, gerando singularidades espaciais como as novas ambiências, que, de acordo com Rego (2006, p.181), "[...] significa uma valorização dos temas e da cultura do mundo mais proximamente vivido", ainda, como possibilidade de construção de caminhos para promover ações e práticas.

Na atualidade, a chamada Geografia Humanista é considerada por estudiosos e pesquisadores como uma das principais tendências orientadoras da ciência geográfica por inserir os estudos perceptivos que incluem o cultural.

Entretanto, esta abordagem é talvez uma das menos utilizadas no que diz respeito à produção geográfica brasileira, mas certamente uma das mais significativas, em um momento em que o espaço tornado global pela internacionalização da economia capitalista impõe à ciência em geral e, em especial à Geografia, a necessidade de apreender quanto ao novo conteúdo da relação indivíduo-ambiente.

Deste modo, Tuan (1985, p. 146) destaca que



Bertin. M.

Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas

As abordagens científicas usadas no estudo do homem tendem a minimizar o papel da percepção e do conhecimento humano. A Geografia Humanística, em contraste, tenta especificamente compreender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da percepção humana.

A percepção humana, por sua vez, está envolta de fatores intrínsecos de cada indivíduo, tomando os seus sentidos como a porta de entrada do processo perceptivo. Neste intuito, Machado (1998, p. 2), de antemão, assinala que "[...] cada ser humano é único, sem precedente e não repetível e por isso, cada pessoa percebe, sente e compreende diferentemente o mesmo meio ambiente".

A mesma autora (1998, p. 1) chama atenção para o fato de que

[...] a percepção tornou-se uma palavra-chave no estudo da interação homem-meio ambiente, pois do contato direto, contínuo e prolongado com um território desenvolve percepções individuais que se transformam em determinantes valiosos na avaliação ambiental.

A interação entre o homem e o meio acontece por meio dos sentidos que levam às sensações e, em consequência, à percepção e sua posterior representação.

Outro aspecto que, nos últimos anos, está sendo considerado e discutido nos estudos envolvendo a percepção é o da cognição ambiental, que, conforme Castello (2001, p. 154), contribui dizendo que

As pessoas não ficam restritas a uma percepção unicamente sensorial. Passam a processar em suas mentes aquilo que é percebido através de suas sensações e progressivamente passam a adquirir uma compreensão sobre o ambiente que as cerca, encaminhando-se então o registro de suas percepções para o nível cognitivo, para a inteligência. Pode-se, mesmo, falar em uma cognição ambiental.

Para Machado (1998, p. 2),

[...] a cognição é o processo mental mediante o qual, a partir do interesse e da necessidade, estruturamos e organizamos nossa interface com a realidade e o mundo, selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significado.

Para a autora referida (Ibid., p. 3) e para Souza (1998, p. 17), o processo de cognição ambiental compreende



Bertin. M.

Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas

[...] a percepção direta (imediata) na qual o indivíduo obtém informações presentes no ambiente, de forma seletiva; a construção de uma representação mental² específica e momentânea do ambiente através do processamento cognitivo interno; a avaliação ambiental, em que o indivíduo avalia e descreve as qualidades do ambiente; e a geração de condutas e ações ambientais", etapas finais³ do processo.

A experiência vivida – a vivência – torna-se a base para a compreensão da percepção das pessoas com o seu ambiente, seja ele urbano ou não urbanizado, a percepção exercita um reconhecimento das condições ambientais por meio de seus processos cognitivos.

Assim, Del Rio (2001, p. 3) enfatiza que

A percepção é como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos. Os perceptivos são captados por meio dos sentidos, destacando-se a acuidade visual. Os cognitivos compreendem a contribuição da inteligência, uma vez que a mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebem essas sensações passivamente, mas sim inseridas de motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas.

Conceitualmente, percepção e cognição são variáveis chaves para os geógrafos interessados nos estudos da percepção e sua representação ambiental ou do meio ambiente, correspondendo, ambas, a importantes processos mentais através dos quais o indivíduo sente, percebe, interpreta e toma decisões acerca de seus sentimentos, conforme o seu legado cultural.

A este respeito, Gil Filho (2010, p. 8) realiza uma análise da base fundamental da teoria da cultura de Ernest Cassirer que considera ser "[...] a consciência humana simbólica por natureza". E que a cultura situa-se como um quadro de referência onde o homem se projeta, através da linguagem, num processo de fixidez das percepções em representações que, pela função simbólica, são projetadas pela consciência.

Numa sociedade heterogênea como a que vivemos, as pessoas participam de diferentes grupos que, apesar de se inter-relacionarem, nem sempre têm os

³ O indivíduo, após perceber o ambiente, processa as informações recebidas com aquelas que lhe são internas, forma sua representação e avalia-a de acordo com seus valores e expectativas, determinando diretrizes para o seu comportamento ambiental, (op, cit, p. 18).



² Tal informação carrega as informações recebidas e selecionadas na etapa anterior, assim como informações prévias inerentes àquele indivíduo (aqui há a presença de 'filtros' culturais, sociais e individuais que influenciarão a representação final).

mesmos interesses e as mesmas ideias, uma vez que cada grupo social procura alcançar objetivos específicos.

Vale salientar que a percepção está condicionada, não apenas por fatores como a memória, experiência pessoal, aprendizado, cultura, sentidos, sistemas simbólicos, como também pelas expectativas e aspirações, pelas informações e pelos estímulos atuais gerados pelo contexto social e cultural mais abrangente.

É exatamente por isso que a análise da percepção como forma de se conhecer o meio ambiente se torna importante, pois com a introdução de variáveis culturais e pessoais/sociais é que se modificam as noções de meio ambiente único, com características próprias. No momento em que considerarmos a individualidade do espaço de cada pessoa e acrescentarmos a ela a percepção da sociedade, será possível introduzir-se uma nova e importante noção no contexto do planejamento ambiental.

Há várias formas de se investigar como as pessoas percebem o ambiente com o qual interagem, seja por meio de informações verbais ou não-verbais, ou de sistemas simbólicos, isto é, de convenções ou rituais que adotam em sua prática social, ou ainda, através dos seus sentidos, etc. Enfim, é preciso investigar o modo pelo qual as pessoas percebem o espaço ou o meio ambiente em que vivem em relação a si próprias.

Além das variáveis que atuam no processo de percepção, torna-se relevante conhecer a linguagem e a imagem formada pelos elementos espaciais memorizados e simbólicos. A linguagem possui função – a percepção -, a representação enquanto signo, que ocorre a partir da percepção dos objetos, o que a torna um processo irreversível e cumulativo.

O saber prático que liga sujeito a um objeto é o que caracteriza uma dada representação social. Neste sentido, Chauí (2000, p. 123) comenta que

[...] a percepção envolve a nossa vida social, isto é, os significados e os valores das coisas percebidas decorrem de nossa sociedade e do modo como nela as coisas e as pessoas recebem sentido, valor ou função.

As constantes mudanças, rápidas e permanentes, são reflexos da sociedade moderna ou pós-moderna, fazendo com que a relação da sociedade com o mundo seja puramente estética, ocasionando, de acordo com Bauman (1999, p. 103), "[...]



uma percepção de mundo como se fosse um alimento para a sensibilidade, mapeando de acordo com as experiências".

Portanto, como já fora mencionado, a percepção é um dos mecanismos mais importantes na relação do homem com o seu ambiente, pois é inegável que exista diferença entre uma cena descrita e uma cena experimentada/vivida. Ou seja, as percepções vão muito além da simples compreensão dos esquemas mecânicos de comportamentos existentes.

Após uma breve revisão conceitual de percepção vinculada à cognição, passa-se às interpretações dos conceitos de espaço, lugar e geração de novas ambiências.

4 INTERPRETAÇÕES RELACIONADAS AOS CONCEITOS DE ESPAÇO E LUGAR E A GERAÇÃO DE NOVAS AMBIÊNCIAS

Torna-se oportuno atribuir uma maior compreensão aos significados de espaço, lugar e geração de ambiências, na tentativa de estabelecer uma influência na construção de um espaço/ambiente mais humanizado, apesar de terem sido relegados, por muito tempo, a um plano secundário, passando a serem revalorizados somente a partir da década de 1980 do século XX.

Tuan (1983, p. 3, p. 6) destaca que

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. [...] O lugar é segurança e o espaço é liberdade. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

O espaço, na corrente humanista, é conceituado como todo local pouco experienciado por um indivíduo que, desta maneira, não lhe confere sentimentos, podendo ser, por exemplo, um recinto de passagem esporádico ou visto de uma janela, porém jamais visitado, ou, ainda, o sítio onde se localiza uma nova morada. A noção de espaço compreende, assim, um vasto conjunto de ideias, valores, sentimentos, implicando um símbolo comum de liberdade, como assinala (TUAN, 1983).



Bertin, M.

Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas

Para Tuan (1983, p. 9-10), a experiência "[...] abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade". Assim, "[...] a experiência implica a capacidade de apreender a partir da própria vivência. Experienciar é apreender".

Conforme Mello (1990, p. 105),

[...] certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, sem vida ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas.

Contribuindo com este debate interno da Geografia, importantes atribuições foram expostas por Santos (1987, p.61), ao argumentar que

Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário.

Desta forma, o espaço pode ser entendido como elemento revelador da história de um determinado lugar, mas o que se revela no lugar não é apenas a história de um povo, mas o peso da história da humanidade. O lugar se refere, de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato, e é o que se pode ser apropriado pelo corpo.

O homem percebe o mundo através de seu corpo, de seus sentimentos e, por meio disso, constrói e se apropria do espaço e do mundo. E, neste sentido, Carlos (1996, p. 20) enfatiza "O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua".

Neste lugar, percebe-se, lê-se e entende-se o mundo moderno em suas múltiplas dimensões e será nesse lugar que o indivíduo e/ou a coletividade vai viver e realizar o cotidiano. Ao mesmo tempo em que o lugar se coloca enquanto parcela do espaço, construção social, abre a perspectiva para se pensar o viver e o *habitat*, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço.

Assim, Carlos (1996, p.29) segue sua arguição enfatizando que



Bertin. M.

Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

Neste sentido, uma vez que cada indivíduo se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer, enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. Deste modo, o lugar é o mundo vivido, onde se formulam os problemas e o modo como é produzida a existência social dos seres humanos. É no lugar onde se desenvolve a vida em todas as suas dimensões.

A distinção entre espaço e lugar é valorizada para os humanistas porque, segundo eles, enquanto o espaço abrange qualquer porção da superfície do planeta, podendo ser 'amplo, desconhecido, temido ou rejeitado', o lugar se manifesta através das experiências cotidianas, ordenando-o e dando-lhe significados. Nesta perspectiva, Mello (1990, p.102) pontua que "[...] o lugar é o oposto do espaço, que contém um ou mais lugares".

Conforme Buttimer (1985, p. 74), o espaço, do ponto de vista fenomenológico, "[...] é um conjunto contínuo dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas".

Na busca deste significado é que ocorre a geração de novas ambiências. Sujeito e objeto se articulam, interagem a partir de práticas/práxis, por isso é necessário entender o indivíduo como integrante do ambiente no qual está inserido.

Neste sentido, de acordo com Suertegaray (2004, p. 205), a geração de ambiências pode ser pensada, também, como possibilidade de construção de caminhos para promover ações, pois, "[...] criar ambiências pode constituir uma atitude (agora consciente, porque nominada)" que, partindo do indivíduo em seu lugar social, interconecte-se coletivamente, "[...] fazendo emergir da ação de um, uma conexão em rede, ampliando-se, assim, a força de transformação, de solidariedade, de trocas de saberes e a de responsabilidade social".



Conforme já citado anteriormente, quando Rego (2006) expõe que o conceito de geração de ambiências significa a valorização dos temas da cultura do mundo mais proximamente vivido, o autor afirma que, ao tratarmos do proximamente vivido, deve-se entender que esta ideia pode

[...] designar não apenas o que está em volta de um determinado indivíduo ou grupo, mas ressaltar o centro, isto é, a valorização da perspectiva do indivíduo ou grupo em relação a isso que está em volta e é contextualizador e condicionador de suas experiências (REGO, 2006, p.182).

Para Rego (2000), as ambiências não se referem apenas a uma reprodução de uma condição de vida ou de um lugar, uma vez que existem implicações das redes de subjetividades que produzem sentido às experiências espaciais cotidianas: morar, estudar, conhecer, trabalhar, divertir-se e viver, condicionando as experiências socioculturais dos sujeitos, seus afetos, sua sensibilidade, estética, valores e emoções, explicitando o diálogo entre interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço onde se encontram inseridos.

A partir desta revisão conceitual sobre Espaço, Lugar e a Geração de Novas Ambiências sob a perspectiva da Geografia humanista e cultural, passa-se para a análise e contribuições que a vertente das representações espaciais e sociais vem atribuindo à ciência geográfica.

5 O REFINAMENTO TEÓRICO A PARTIR DA VERTENTE DAS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SOCIAIS NA GEOGRAFIA.

Visando agregar o espacial e o cultural, pode-se inferir que, a partir das duas últimas décadas do século XX, a vertente das representações vem proporcionando um requinte ao arcabouço teórico da ciência geográfica, agregando e enriquecendo o enfoque ambiental e sociocultural. Mesmo apresentando visões contraditórias de resistência e difusão na Geografia, e de ruptura epistemológica, defende novos horizontes para o conhecimento geográfico.

A este respeito, de acordo com Kozel (2009, p. 221), é importante enfatizar que



A geografia das representações atualmente vem se expandindo pelas diversas vertentes do conhecimento geográfico, propiciando a análise de fenômenos socioespaciais, como êxodo rural, urbanização, planejamento ambiental, turismo, pois os agentes ou atores sociais são pressionados pelos processos econômicos, tecnicismo, globalização. Entretanto, o percurso individual continua sendo marcado por significados, valores e escolhas pessoais, enriquecendo a compreensão dos processos espaciais por incorporar o "vivido" às análises.

Então, as representações são analisadas como fundamento de uma ação que pressupõe conhecimento. Para Jodelet (1988), as representações sociais se constituem numa "[...] forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção social". Por orientação das condutas e práticas sociais, as representações sociais são o objeto de estudo que resistiram à disciplina, suas dimensões temporais (históricas), sociais e culturais.

Todavia, as formas de representação manifestadas pela sociedade em suas diversas formas de linguagem, quanto ao espaço e ao seu mundo vivido, modificaram-se com o passar do tempo, persuadidas pelo avanço dos meios tecnológicos e informacionais.

Ao se referir às formas de linguagem, Gil Filho (2005) argumenta que a linguagem pode ser entendida como uma função do pensamento que reapresenta o mundo concreto imediato como outro, um mundo de ressignificações. Por conseguinte, a linguagem se coloca como "[...] a mediação necessária entre as coisas e seus significados mais ocultos", de acordo com o autor (2005, p. 75).

Deste modo, estabelece-se um processo de individuação – ação subjetiva do sujeito -, uma vez que esta ação é expressa por meio de formas concretas mediadas pela linguagem, (GIL FILHO, 2005).

Neste contexto, Bailly (1995 apud KOZEL, 2009, p. 216), destaca que "[...] as representações podem ser entendidas como uma verdadeira revolução epistemológica no campo geográfico, abrindo várias perspectivas de pesquisa, principalmente no campo didático-pedagógico".

Por valorizar as relações humanas do homem com o espaço vivido, visto que, desde as épocas mais remotas, as sociedades se expressam acerca de seus espaços vividos, por meio das mais diversas representações, faz-se necessária a investigação, o aprofundamento da vertente das representações sociais, tendo como



intuito examinar a Geografia no que tange à abertura de outras possibilidades, entre elas a de novas ambiências, no pensamento de sua ciência acerca da sociedade atual, essencialmente no ensino geográfico.

A ciência geográfica considera o espaço e o mundo vivido enquanto elementos que se relacionam com a sociedade numa perspectiva de identidade, uma vez que os homens os tornam impregnados de significados.

Destarte, representam-se as interações entre o sujeito e o objeto - do seu mundo -, o que acarreta uma atividade conjunta de construção e reconstrução no ato da representação, pois, como o sujeito é social, a atividade é tanto simbólica como cognitiva.

No entanto, Xavier (2002, p.29) salienta que, no princípio, o conceito de representação apontava para uma reflexão cognitiva, vinculada somente à experiência individual da consciência no despertar para o mundo, tornando a subjetividade individual a fonte da representação. Nas concepções da autora, paulatinamente, o sujeito cede lugar a uma reflexão que prima pela objetividade, tornando a representação interpretada como fenômeno ocorrido nas relações materiais e na vida social.

Por sua vez, Serge Moscovici, precursor da psicossociologia do conhecimento, mostra a existência de uma relação dialética entre o social e o individual, constituindo-se as representações sociais em estruturas dinâmicas e heterogêneas. A partir destas constatações, Moscovici conclui que a representação social é de ordem cognitiva, uma vez que ela articula as informações sobre o objeto de representação e as atitudes do sujeito relativamente a ele.

Em sua concepção psicossocial, Moscovici (2003) mostra a construção da teoria das representações sociais em que os indivíduos são também pensadores ativos, a partir de vários episódios cotidianos de interação social que vivenciam, produzem e comunicam suas concepções, participando, assim, da construção da sociedade. Da mesma forma, vê que o indivíduo é tanto produto da sociedade como é agente de mudança desta.

Vale salientar que o caráter criativo da representação manifesta-se também na forma como cada indivíduo a processa, revelando seu caráter de intersubjetividade. A representação aumenta a capacidade de interação entre indivíduos e, consequentemente, facilita as relações interpessoais.



Bertin. M.

Geografia Humanística - o papel das representações sociais e espaciais em manifestações contemporâneas

Convém frisar que, segundo a teoria de Moscovici, uma realidade social é criada apenas quando o novo⁴ ou o que não nos é familiar vem a ser incorporado aos universos consensuais⁵, correspondentes às atividades intelectuais da interação cotidiana por meio das quais são produzidas as representações sociais.

Neste sentido, cabe às contribuições da fenomenologia elucidar os diversos sentidos desta fala, seja pelas representações de conceitos espontâneos ou por valores atribuídos à geografia e ao espaço. Assim, Kozel (1999) expõe que ao considerar a subjetividade em suas análises espaciais, a geografia passa a adquirir um caráter mais abrangente de análise, tangenciando a psicologia, sociologia e a antropologia, enriquecendo o 'fazer geográfico'.

Para respaldar as discussões realizadas neste artigo, propôs-se uma apreciação de duas obras⁶ voltadas à vertente das representações sociais. Em ambas é apresentada a pluralidade de estudos a que os pesquisadores têm conseguido abarcar.

Entre os geógrafos nacionais que estão desenvolvendo estudos nesta perspectiva em seus trabalhos podem-se citar: Salete Kozel (UFPR), Josué da Costa Silva (UNIR-RO) e Sylvio Fausto Gil Filho (UFPR). Estes autores organizaram a obra "Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista", primeiro livro publicado em 2007, sob autoria do Núcleo e Estudos em Espaço e Representação - NEER. O mesmo tem a participação de vários autores nacionais e internacional⁷, envolvendo as mais diversas possibilidades da temática das representações, o que poderá ser melhor visualizado no Quadro 1.

⁷ Na obra '**Da percepção e cognição à representação:** reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista', Paul Claval teve o encargo de realizar a 'Apresentação' da obra.



_

⁴ O novo é gerado ou trazido à sociedade por meio da ciência, da tecnologia ou por profissões especializadas.

⁵ Indica a sociedade como um mundo das coisas plenas de finalidade, na qual o denominador comum é o próprio homem. Existe uma identidade comum ao grupo, livre e de certo modo igualitária, (GIL FILHO, 2005, p. 79).

⁶ KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Silvio Fausto (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação:** reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

SERPA. Angelo (Org.). **Espaços culturais:** vivências, imaginações e representações. Salvador: Editora da UFBA, 2008.

Autor	Assunto	Foco de estudo e contribuições didático- pedagógicos
Oswaldo B. A. Filho – PUC- Minas, em Belo Horizonte	A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais.	Mostra como as novas orientações da pesquisa epistemológica enriquecem os princípios e máximas elaborados pelas diversas gerações de pesquisadores, além de identificar a presença de abordagens que seriam consideradas humanistas/culturais na atualidade. Aqui fica a critério do pesquisador desenvolver qual abordagem poderá utilizar em sua prática pedagógica, diante da pluralidade apresentada.
Ângelo Serpa – UFBA	Culturas transversais: um novo referencial teórico-metodológico para a Geografia Humanista e Cultural?	Elucida que a realidade social é feita de classes antagônicas. Mostra que o papel das culturas transversais pode ser dominante/excludente. Pedagogicamente realça a materialidade social, que o espaço é dialético, que a interface natureza/sociedade não impõe exclusão, mas sim o Estado como agente de produção e (re)produção do espaço.
Wolf-Dietrich G. J. Sahr - UEPG	Signos e espaços mundos – a semiótica da espacialização na Geografia Cultural.	Apresenta uma interpretação em Geografia centrada nos conceitos de signo e espaço-mundo, ou seja, o uso da semiótica, além da interpretação da história da abordagem cultural e discute a possibilidade de outras lógicas de espacialização na Geografia.
Benhur P. da Costa - UFSM Álvaro L. Heidrich - UFRGS	A condição dialética de produção espaço social: microterritorializações (culturais) urbanas "a favor" e "contra" a sociedade.	Estudam o problema das relações entre a análise cultural e a análise em termos de classes com novas perspectivas. A partir do estudo das microterritorializações, indicam que é o momento de demonstrar os distintos interesses das classes sociais, dos grupos sociais com reduzida expressão na sociedade presente em espaços de exclusão, sociedades localizadas em determinado espaço e tempo, com diversidade entre os grupos, uns se afirmando mais que os outros, e estes se constituindo nos sobrantes/errantes que acabam por criar suas próprias territorialidades.
Salete Kozel - UFPR	Mapas Mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas.	Analisa a obra de Mikhail Bakhtin e sua contribuição para a abordagem cultural na Geografia e, por conseguinte, a importância dos mapas mentais como uma das diferentes formas de linguagens na práxis pedagógica. Salete Kozel propõe um método original de análise dos mapas mentais.
Lucy Marion C. P. Machado – UNESP - Rio Claro	Paisagem Cultural.	Expressa como a paisagem cultural aparece como um dos fatores mais importantes da formação do espírito humano. Nas práticas pedagógicas a paisagem enriquece o ensino por abordar a riqueza étnica, cultural, social de um determinado lugar.
Icléia A. de Vargas - UFMS	Paisagem, território e identidade: uma abordagem da Geografia Cultural para o Pantanal Mato-grossense.	Relata as interpretações mais recentes do gênero de vida tradicional em termos de psicanálise – o pantaneiro portador de uma forte imagem do pai. O desenvolvimento de categorias essenciais à Geografia, entre elas, o da identidade arraigada nas tradições repassadas de geração a geração.
Alexandre M. A.	Topofobias e condutas	Retoma a noção de comportamentos



Diniz – Arizona State University – USA e PUC – Minas	defensivas: uma análise do sentimento de insegurança e medo de vitimização em Belo Horizonte.	imperfeitamente racionais e o tema da emotividade e subjetividade. Didaticamente, tem-se estudado os tipos de violências urbanas, mas não como trabalhar o sentimento de insegurança nas instituições escolares.
Nelson Rego - UFRGS	Geração de Ambiências — três conceitos articuladores.	Salienta a diferença entre a hermenêutica clássica e instauradora, o que leva a uma nova concepção da Pedagogia, mais centrada sobre a experiência dos alunos e seus problemas reais, ou seja, a valorização dos temas da cultura do mundo mais proximamente vivido.
Sylvio F. Gil Filho - UFPR	Geografia da Religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico.	Propõe uma interpretação dos três níveis de espaço sagrado por meio das espacialidades: concreta, representações simbólicas e pensamento religioso. Mostra o âmbito de estudos interdisciplinares sobre a religião.
Afrânio J. F. Nardy – Juiz de Direito em Minas Gerais, PUC – Minas.	Geograficidade e juricidade na formação da política ambiental brasileira.	Explora as limitações que resultam das conceituações clássicas do objeto e do sujeito, para construir um direito ambiental moderno. Confronta com as novas Leis ambientais e que devem ser mais discutidas em âmbito escolar, desde a educação básica.
Josué da C. e Silva – UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia.	O Mito e as crenças como constituintes do espaço ribeirinho na formação do modo de vida Amazônico.	Investiga os grupos tradicionais, como as populações ribeirinhas e o seu modo de vida. O trabalho <i>in loco</i> das populações ribeirinhas fortalece o ensino-aprendizagem deste tipo de espaço pouco conhecido nas demais regiões do país.

Quadro 1 – Estudos realizados sobre espaço e representação.

Fonte: Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. Adaptação da pesquisadora.

Angelo Serpa, geógrafo e organizador da segunda obra publicada em 2008 e denominada de "Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações", fornece uma rica abordagem aos estudos culturais, conforme é demonstrada no Quadro 2.

Autor	Assunto	Foco de estudo e contribuições didático- pedagógicos
Paul Claval – Universidade de Paris IV	Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na Geografia Humana?	Ressalta as representações, as experiências vividas e os processos culturais e socioculturais. No ensino da Geografia são temáticas que necessitam com urgência serem trabalhadas com maior persistência por seus educadores.
Geografia Cultural e Social: Teoria e Método		
Wolf Dietrich G. J. Sahr - UEPG	Ação e espaçoMUNDOS – a concretização de espacialidades na Geografia Cultural.	Define o espaço como uma questão fundamental e unificadora da geografia acadêmica, reconhecendo que as abordagens teóricas do espaço oscilam entre conceitos positivistas e materiais, relacionais
Angelo Serpa - UFBA	Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico.	e sociais. Acrescenta a dimensão dos espaços sígnicos, de representação e comunicação.
Geografia Escolar: Representações e Ensino		



Salete Kozel Teixeira - UFPR	Representação e ensino: aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos.	Busca desvendar a dimensão humana nas relações espaciais e simbólicas. Também, aguça o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos, tendo em vista ressignificar o ensino de Geografia; prioriza a pesquisa e a análise das
Icléia A. de Vargas - UFMS	Territorialidades e representações dos Terena da Terra Indígena Buriti (MS): possibilidades didático-pedagógicos.	representações construídas pelas sociedades, sendo o educando o cerne da pesquisa.
Luciana C. T. de Souza - UNEB	A complexa abordagem geográfica e uma complexa Geografia escolar: análise de experiências.	
Geografia da Re	ligião: Espacialidades do Sa	agrado
Sylvio F. Gil Filho – UFPR -	Espaço sagrado no Islã Shi'i: notas para uma Geografia da Religião do Shi'ismo Duodecimano.	Destaca as discussões das diferentes espacialidades do sagrado, suas representações e relações com religiosidades específicas, apontando caminhos epistemológicos para a
Aureanice de M. Correa - UERJ	Espacialidade do sagrado: a disputa pelo sentido do ato de festejar da Boa Morte e a semiografia do território encarnador da prática cultural afrobrasileira.	Geografia da Religião. A partir de seus textos, os autores mostram que existe a possibilidade de maiores esclarecimentos quanto à diversidade religiosa e suas especificidades.
Jânio R. B. de Castro – UFBA – Campus V – Santo Antônio de Jesus	As festas religiosas em Louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado/profano.	
Imaginários e Te	rritórios: Representações d	la Natureza, Natureza das Representações
Wendel Henrique – UFBA, UFSC (Colaborador)	Representação da Natureza na Cidade.	Abre a discussão para os modos de vida e suas representações, para as identidades construídas a partir de uma diferença multiforme, analisando-se as contradições entre capital/trabalho e
Dário de A. Lima - FURG	O Juízo Reflexionante Kantiano e a Natureza Humana de Representar o Lugar.	imaginário/simbólico, os territórios e lugares de tempo lento e cíclico, bem como os conteúdos do conceito de cultura e a natureza das representações socioespaciais.
Maria de F. F. Rodrigues - UFPB	Imaginários e Territórios: representações da natureza, natureza das representações no romance "O Sertanejo", de Alencar.	
Territorialidades		o Vivido e Modos de Significar o Mundo
Álvaro L. Heidrich - UFRGS	Sobre nexos entre espaço, paisagem e território em um contexto cultural.	A discussão dos textos gira em torno do espaço percebido e vivido, das territorialidades e suas representações; percorrendo caminhos que dão sentido ao significado, dos signos à significância.
Maria G. de Almeida – UFS (Colaboradora), UFG (Titular)	Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo.	
Francine	No paraíso terrestre, entre	



Barthe-Deloizy - Université de Picardie Jules Verne - UPJV França	' '		
Benhur P. da Costa - UFSM	Reflexões sobre Geografia e homoerotismo: representações e territorialidades.		
Epílogo	Epílogo		
Rogério H. da Costa - UFF	Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva Geográfico-Cultural integradora.	Busca (re)trabalhar a noção de multiterritorialidade, diante das novas formas da relação espaço-cultura, moldadas pela vinculação entre o aumento da mobilidade e a hibridização cultural, resultado de novas identidades, múltiplas e móveis que avançam na atualidade.	

Quadro 2 - Estudos Culturais

Fonte: Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações. Adaptado pela pesquisadora.

Portanto, trata-se de duas obras que demonstram o refinamento diversificado e a possibilidade de formação dessa ciência aos interessados em pesquisar o objeto de análise da Geografia que é o espaço geográfico.

O Núcleo de Estudos em Espaço e Representação – NEER⁸, busca ampliar e aprofundar a abordagem cultural na Geografia, focando nas questões relacionadas aos estudos sobre o espaço e suas representações, entendendo as representações como uma ampla mediação que permitem agregar o social e o cultural, abarcando também a temática do ensino de geografia no Brasil. Propõe-se uma rede não formal e não hierarquizada, de caráter interinstitucional, que congregue núcleos, grupos, e projetos de pesquisa, além de Programas de Pós-graduação e pesquisadores isolados.

O NEER articula, no momento, projetos e grupos de pesquisa de vinte (20) universidades brasileiras (UFRGS, UFSM, FURG, ULBRA-RS; PUC-MG, UFU-MG; UFAM- AM; UFBA, UNEB-BA; UERJ, UFF- RJ; UFMS-MS; UFG-GO; UFPR, UEPG-PR; UNIR-RO; UFPB-PB; UFMT-MT; UFCE-CE; UFTO-TO), com as seguintes temáticas/ abordagens: Nova Geografia Cultural; Geografia Humanista-Cultural; Estudos de Percepção e Cognição em Geografia; Geografia das Representações; Geografia Social; Geografia da Religião; Geografia Escolar: Representações e Ensino; Teoria e Método na Geografia Cultural e Social.

Em relação aos projetos e grupos de pesquisa, pode-se destacar, primeiramente, o Núcleo de Documentação da Cultura Afro-Brasileira -

⁸ Disponível em<http://www.neer.com.br/home/?page_id=24> Acesso em 19 maio 2013.



-

ATABAQUE⁹, que possui sua produção acadêmica substantificada nos projetos de pesquisa, ensino e extensão e nas atividades culturais e científicas realizadas na História da Arte, Geografia Cultural, conservação de Artefatos, Curadoria, questão educacional e na questão Capitalismo e Cultura, imbricadas com o Museu da Cidade do Rio Grande.

O grupo de pesquisa possui cooperação com a CAPES, Fundação Cidade do Rio Grande, Universidade Federal de Pelotas - UFPEL - e com a Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Um segundo, denominado de Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vidas e culturas Amazônicas - GEPCULTURA¹⁰, procura desenvolver estudos, análises e compreensão das representações socioculturais dos povos tradicionais da Amazônia, da bacia do rio Madeira, identificando o saber local, formação cultural, representações simbólicas, etnias e organização das formas produtivas. Abrange os estados de Rondônia, Amazonas, Acre, Mato Grosso e Pará.

Um terceiro se refere ao Laboratório do Espaço Social – LABES¹¹/UFRGS. As pesquisas têm contribuído para a formação de recursos humanos, especialmente para o ensino e a pesquisa em Geografia Humana com ênfase na Análise Territorial.

Os produtos das pesquisas têm contribuído para o desenvolvimento do conhecimento do espaço social e suas transformações, com ênfase nos territórios sul-americano, brasileiro e do sul do país e com os aspectos que se relacionam com as seguintes linhas de pesquisa: A transformação do campo, implicações sobre a identidade e as novas formas de organização do espaço rural; Espaço social e vínculos territoriais; Reestruturação do espaço urbano-regional e morfologia urbana; Transformações políticas e econômicas e suas repercussões territoriais.

Os trabalhos das duas obras demonstram a contribuição e a importância da abordagem da Geografia Humanista e Cultural, alicerçado pela fenomenologia. Neste sentido, compreender a subjetividade dos atores passa principalmente pelo estudo das representações do mundo construído por eles.

¹¹ Disponível em<<u>http://labes.weebly.com/apresentaccedilatildeo.html</u>> Acesso em 19 maio 2013. Os projetos de pesquisa possuem fomento do CNPq, FAPERGS e PROPESQ/UFRGS bem como bolsas de estudos do CNPq e da CAPES.



_

⁹ Disponível em<http://www.atabaque.furg.br>;< http://www.museucrg.wordpress.com> Acesso em 19 maio 2013.

¹⁰ Disponível em<<u>http://www.gepcultura.unir.br/</u>> Acesso em 19 maio 2013.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia centrada na percepção e na representação deve ser entendida como um esforço teórico-metodológico de um grupo de pesquisadores que procuram fornecer formas diferenciadas do entendimento da Geografia e de suas práticas sociais. Deste modo, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo.

Assim, todo processo de produção do conhecimento passa por uma reelaboração, reinterpretação do sujeito/objeto que se pretende estudar. Portanto, frisa-se que a leitura fenomenológica acerca das experiências diante dos espaços e lugares valoriza o homem enquanto sujeito qualitativo e subjetivo, mas em perene interação com o meio que o cerca, logo, o destaca também como sujeito cognitivo, afetivo e intersubjetivo.

Diante do que foi descrito, infere-se que os estudos em Geografia vêm demonstrando que a ruptura existente entre o sujeito e o objeto estão limitando-se de maneira gradual, desmistificando-se as manifestações contemporâneas, enquanto novas ambiências propiciadas pelas representações sociais e espaciais.

Dessa forma, conclui-se com esse artigo que, apesar da pluralidade de quadros teóricos presentes na orientação da produção do conhecimento, em especial na corrente da Geografia Humanística, torna-se oportuno compreendermos que seres humanos possuem diferentes olhares sobre o mundo, e a ciência não é um conhecimento restrito, pois toda ideia de investigação parte da experiência de um sujeito, logo, a ciência torna-se um saber que é humano e cultural.

7 BIBLIOGRAFIA

ABBAAGNANO, Nicola. **História da Filosofia.** Tradução de Conceição Jardim, Eduardo Lúcio e Nuno Valadas. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença. 2001.

BAILLY, A. et al. **Geographie régionale et representation.** Paris: Anthropos, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização.** As consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BUTTIMER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia.** Rio Claro: Difel, 1985.



CARLOS, Ana Fani. Alessandri. O lugar no/do Mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLO, Lineu. A Percepção em Análises Ambientais: o Projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. In: DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.). **Percepção Ambiental:** a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 2001, p.23-37.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2000.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs.). **Percepção Ambiental:** a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre:** Nature de la Réalité Géographique. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl.** Tradução de Fábio Santos. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RÓIS, Katja Plotz. Revisão da Percepção da arquitetura em Bruo Zevi, Christian Norberg-Schulz e através de Heidegger até a possibilidade fenomenológica de Merleau-Ponty. In: **OLAM – Ciência & Tecnologia.** Rio Claro, v.1, n. 2, p. 123-152, nov. 2001. CD-ROM.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia cultural:** Estrutura e Primado das Representações, In: Espaço e Cultura, n. 19-20, jan./dez. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2005.

GIL FILHO, Silvio Fausto. **Notas para uma Geografia das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer.** ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, AGB, 2010, Porto Alegre. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos, Porto Alegre, 2010, p.1-11.

HEIDEGGER, Martin. Meu caminho para a fenomenologia. In: ____. Conferências e Escritos Filosóficos. São Paulo, Victor Civita, p. 295-302, 1984.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia,** Rio de Janeiro, v 55, n. 1-4, p.109-146, jan./dez. 1994.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.



JODELET, Denise. **Representação social:** fenômenos, conceitos e teoria. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p13, 1988. (apostila, 42p.)

JOHNSTON, Ronald John. A geografia comportamental e as alternativas em relação ao positivismo. In: AMORIM FOLHO, O. B. **Geografia e Geógrafos:** a Geografia Humana Anglo-Americana desde 1945. São Paulo: Difel, p.175-222, 1986.

KOZEL, Salete; NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. A geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida. In.: Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP. São Paulo: **Humanitas**, n. 13, p. 239-257, 1999.

KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Silvio Fausto (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação:** reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, Salete. As Representações no Geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Orgs.). **Elementos da Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, p.221-226, 2009.

LENCIONE, Sandra. Região e Geografia. São Paulo: Edusp, 1999.

MACHADO, Lucy M. C. Philadelpho. Paisagem, Ação, Percepção e Cognição. In: **3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem.** Rio Claro: UNESP, maio, 1998. p. 1-4.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, out./dez. 1990.

_____. Valores em Geografia e o Dinamismo do Mundo Vivido na Obra de Anne Buttimer. Espaço e Cultura, 19-20, p. 33-39, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, p.1. 1971.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen; Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Crítica da Razão na Fenomenologia.** São Paulo: Nova Stella/Editora da USP, 1989.

RABUSKE, Edvino. A. **Antropologia Filosófica:** um estudo sistemático. Petrópolis: Vozes, 1999.



REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, A. Geografia e educação: geração de ambiências. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

REGO, Nelson. Geração de Ambiências: três conceitos articuladores. In: REGO, N.; et al (Org.). Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. (Coleção Geração de Ambiências).

REGO, Nelson. Geração de Ambiências – Três Conceitos Articuladores. In: KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação:** reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, Curitiba: NEER, 2007.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **GEOGRAFIA.** Rio Claro: São Paulo, v.4, n.7, p.11-25, abr. 1979.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

SERPA, Angelo. Percepção e Fenomenologia: em busca de um método Humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. In: **OLAM – Ciência & Tecnologia,** Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 29-61, nov. 2001. CD-ROM.

____. (Org.). **Espaços Culturais:** vivências, imaginações e representações. Salvador: Editora da UFBA, 2008.

SILVA, Armando Corrêa da. Fenomenologia e Geografia, **Orientação**, v.7, p.53-56, dez. 1986.

SOUZA, Carlos Leite de. Cognição Ambiental e Leitura da Paisagem Urbana: Teoria e Prática. In: **3º Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem.** Rio Claro: UNESP, maio, 1998. p. 15-26.

SPINK, Mary Jane P. **O conhecimento do cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia:** contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Ambiência e pensamento complexo: resignific(ação) da geografia. In: DANTAS DA SILVA, A. A.; GALENO, A.; (Orgs.). Geografia: ciência do complexus – ensaios transdisciplinares. Porto Alegre: Sulina, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2002.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia.** 2 ed. São Paulo: Difel, 1985, p. 143.



____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

XAVIER, Roseane. **Representação social e ideologia:** conceitos intercambiáveis? Psicologia & Sociedade. Pernambuco, v. 4, n. 2, p. 18-47, jul./dez., 2002.

WRIGHT, John k. Terrae Incognitae: the place of imagination in geography. Annals of the Association of American Geographers, 37, p. 1-15, 15, 1947.

(Recebido em 29.11.2012. Aceito em 25.06.2013)

